

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 35 No. 2 Maio - Agosto 2022

## A ORIGEM DO SIGNIFICADO - UMA ABORDAGEM PALEOANTROPOLÓGICA<sup>1</sup>

Gabriel Rocha<sup>2</sup>

O que é ser Humano? Esta questão há muito tem pairado sobre as discussões acerca da natureza humana e o que nos distingue dos outros seres do mundo animal. No início da década de 60, o traço que nos diferenciava dos demais animais era a capacidade de manufaturar e utilizar ferramentas. Entretanto, o trabalho basilar da célebre pesquisadora Jane Goodall observando chimpanzés de vida livre que também o faziam, acabou por nos expulsar do pedestal de único ferramenteiro. Foi uma revolução. Precisaríamos então encontrar uma nova característica que nos diferenciasse dos demais animais. Diversos outros traços foram propostos, como grandes cérebros ou as dinâmicas sociais, mas também acabaram caindo por terra. Décadas mais tarde, haveríamos de encontrar o santo graal da especificidade humana, a capacidade de criar e manipular símbolos! A emergência e o modo como se desenvolveu essa capacidade, no entanto, se mantêm no centro do debate paleoantropológico ainda nos dias de hoje. É esse cenário sobre o qual Walter Neves, Eliane Rapchan e Lukas Blumrich, revisitando o conhecimento científico produzido até aqui, decidem se debruçar.

O livro começa discutindo o que nos define enquanto humanos, o que nos diferencia dos demais seres com os quais compartilhamos o planeta em termos qualitativos. Tomando essa reflexão como ponto de partida, os autores caminham através das várias características historicamente apontadas como exclusivas da nossa espécie e o processo de desmonte dessas ideias à medida em que encontramos paralelos no mundo natural. Através de uma refinada e robusta revisão da literatura acadêmica, os autores são capazes de revelar o contexto em que cada característica foi proposta e o caminho até sua derrocada, apresentando alguns dos trabalhos responsáveis por minar a ideia da singularidade humana quanto a esses traços. A caminhada acaba quando temos a proposição do simbolismo como uma capacidade única humana, não presente em outros animais, em uma argumentação que amarra áreas como a psicologia, a linguística, a antropologia e a etnologia, a fim de demonstrar o caráter ímpar dessa competência. Seguindo a deixa, o texto embarca em breves, mas densas narrativas que tentam revelar a teia de significados na qual os humanos estão emaranhados, permitindo ao leitor visualizar a densa malha de significação que embrulha e atravessa toda nossa realidade.

Estabelecido o simbolismo como o marco característico da humanidade, na segunda metade do livro os autores se dedicam ao universo simbólico e o debate sobre seu desenvolvimento. Uma caracterização detalhada do famoso modelo da Revolução

<sup>1</sup> NEVES, Walter; RAPCHAN, Eliane S.; BLUMRICH, Lukas. *A origem do significado*. Uma abordagem paleoantropológica. Editora Cutura Didática, 2020. 142 p. ISBN: 9786599204500.

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo, Instituto de Biociências, Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos. E-mail: [gabrielrocha1919@gmail.com](mailto:gabrielrocha1919@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7611-7171>.

Criativa do Paleolítico Superior joga luz nas suas bases conceituais e não deixa de fora a crítica ao seu eurocentrismo intrínseco. De fato, o registro arqueológico disponível à época sinalizava um caminho na direção do modelo proposto, mas a citação obrigatória a Brooks & McBrearty inicia a sua desconstrução, demonstrando que o mesmo registro arqueológico foi apropriado de forma enviesada. O texto está recheado de revisitas aos debates históricos, o que costura as bases para a análise que vem a seguir.

Pautados no exame das evidências contrastantes ao modelo da Revolução Criativa, os autores iniciam um levantamento de pesquisas sobre a competência simbólica, subdividido em três frentes: simbolismo em hominínios pré-neandertais; simbolismo em neandertais; e simbolismo em sapiens anteriores ao Paleolítico Superior. A ordenação dos subtópicos reflete o número crescente de evidências disponíveis à medida que seguimos em direção à nossa própria espécie. A obra surpreende pelo massivo corpo de trabalhos revisitados, e é neste ponto em que se dá início uma trajetória analítica dinâmica, atrativa e marcadamente crítica.

No que tange a possibilidade de encontrarmos comportamentos simbólicos em registros anteriores a neandertais, é possível averiguar a escassez de evidências e as complicações teóricas, ainda que os elementos que temos não possam ser ignorados. Essa classe de evidências é responsável por tornar o debate inquieto e trazer certa dose de mistério, mas é com os registros simbólicos de neandertais que a situação toda ganha uma nova atmosfera.

As evidências em prol do neandertal simbólico são numerosas e seguem um cenário acadêmico de crescente aceitação. Nos últimos anos, temos acompanhado um crescimento exponencial no número de trabalhos corroborando ou discutindo a presença de tal característica nessa espécie e os autores conseguem revisá-los em sua maioria, ainda que a exclusão das construções de Bruniquel estampe uma lacuna séria na discussão. Talvez o neandertal simbólico seja o tema mais discutido atualmente no que se refere à capacidade de significação e aqui é evidente a tomada de uma posição conservadora perante os dados levantados, apontando dificuldades teóricas, mas sem ignorar seus méritos. Uma boa maneira de aerar o debate. Nesse sentido é deixada no ar a possibilidade: se o simbolismo é o que define nossa humanidade, com boa dose de cuidado, talvez seja possível vermos muito de nós nos nossos irmãos neandertais. Ou o contrário.

Quanto aos registros associados a sapiens anteriores ao Paleolítico Superior, a mensagem é clara: o modelo da Revolução Criativa não se sustenta mais. Nesse aspecto, o continente africano é retirado da sombra e nos deparamos com uma estrada aberta para o estudo do desenvolvimento cultural da nossa espécie em sua terra natal.

Retomando alguns pontos, o livro ancora seu final em uma breve, mas potente reflexão sobre os trabalhos revisados, a queda da nossa Revolução Criativa e a recente ascensão neandertal enquanto possível ser dotado com a capacidade de enxergar o mundo através dos olhos do significado. Muito além de simplesmente informar, o texto convida o leitor a analisar as evidências expostas e a tentar responder algumas das questões enunciadas para reflexão. É nessa mistura entre o rigor científico e certas doses de poesia que os autores concretizam uma revisão imprescindível, trazendo para o país um debate internacional ainda muito em falta por aqui. Neves, Rapchan e Blumrich, em um esforço hercúleo, entregam um material de grande valor.

Acima de tudo este é um livro sobre nós mesmos, sobre como nós pensamos o mundo. “O único mistério é haver quem pense no mistério”, defende Fernando Pessoa. Pensando sobre este mistério, eu concordo. E me animo com a possibilidade de que neandertais também o fizessem.

**Palavras-chave:** pensamento simbólico; paleoantropologia; revisão.

**Keywords:** symbolic thinking; paleoanthropology; review.

**Palabras clave:** pensamiento simbólico; paleoantropología; revisión.